

A Geopoética do ciclo euclidiano

The Geopoetics of the Euclidian cycle

Lícia Soares de Souza*
Universidade do Estado da Bahia
CNPQ

*Lícia Soares de Souza possui graduação em Letras pela Universidade Federal da Bahia (1976), mestrado em Letras Modernas - Université de Toulouse II - Le Mirail (1977) e doutorado em Semiologia - Université du Québec (1989). Atualmente é professora aposentada da UNEB, professora associada na Université du Québec à Montréal, professora permanente do programa Pós-Cultura da Universidade Federal da Bahia, professora permanente do programa Crítica Cultural da UNEB.
E-mail: lcsoaresdesouza@gmail.com



<http://dx.doi.org/10.13102/lm.v%vi%i.4542>

Resumo: Este texto mostra as bases de um projeto apresentado ao CNPQ para renovação de bolsa de produtividade em pesquisa. O objetivo é o de analisar formações geopoéticas, conforme o conceito de Bouvet (2008), de uma série de narrativas romanescas ambientadas em territórios significativos, suscetíveis de construir uma memória longa, com base na recuperação de linguagens oriundas de blocos memoriais em circulação na semiosfera baiana, de acordo com Lotman (1999). Nesse sentido, buscamos identificar novos e fundamentais elementos de uma geopoética do ciclo canudiano. O estudo mostra como geoconstelações podem ser úteis para formar um conceito apto a revelar as formações geográficas de um território que contém fortes conotações sociais, políticas e culturais.

Palavras-chave: Geopoética; Canudos; Semiosfera.

Abstract: This text depicts the basis of a project presented to CNPQ- National Council for Scientific and Technological Development in order to renew research financing. Its aim is to analyze geopoetical formations according to the concept by Bouvet (2008) in a series of narratives set on significant territories, able to build a long memory, based in the recovering of languages originated in memorial blocks that circulate in Bahia's semiosphere, according to Lotman (1999). Thus, the objective was to identify new fundamental elements of a geopoetics of the Canudos cycle. The study shows how geoconstelations can be useful to form a concept that is able to reveal the geographical formations of a territory full of social, political and cultural connotations.

Keywords: geopoetics; Canudos; Semiosphere.

Recebido em dezembro de 2018
Aprovado em março de 2019

SOUZA, Lícia Soares de. A Geopoética do ciclo euclidiano. *Léguas & Meia*, Brasil, n. 09, v. 1, p.97-105, 2018.

Nosso projeto dá continuidade, no âmbito das linhas de pesquisa das relações Literárias Interamericanas e da Geopoética, aos estudos comparados e transculturais com ênfase para as literaturas brasileira e quebequense. Mencionamos várias vezes o campo conceitual da história cultural oficial, e não vamos desenvolvê-lo, neste instante, lembrando apenas que ele amplia o território das reflexões impondo uma polissemia estruturante na compreensão das atividades memoriais que selecionam fatos para as representações, mas omitem outros, considerados sem relevância. No mesmo caminho, mencionamos o conceito de « memória longa », a partir da obra de Zilá Bernd, a qual afirma que pesquisas para captar os movimentos de formação de um resgate memorial mais prolongado são menos numerosas. De acordo com esta autora, uma "memória de longa duração heterogênea" surge do entrelaçamento de memórias subterrâneas e fragmentárias, cujos vestígios vêm à tona através da palavra poética, ponto de convergência de memórias, silêncios e esquecimentos.

Estima-se que um estudo das literaturas, que põem em cena mobilidades culturais e diáspóricas, mostra como são desafiadas as fronteiras delimitadas dos centros das semiosferas que surgem em contextos de transação relacional com maior impacto sobre os leitores pela pluralidade de visões de mundo que veiculam. Considera-se igualmente que os silêncios podem ser reveladores, na medida em que determinadas memórias atravessadas pelos valores da ancestralidade negra ou sertaneja, por exemplo, não emergem nos textos oficiais quando se trata de construir a identidade política e cultural brasileira.

Vê-se então que a originalidade de nossas investigações está em captar, primeiramente, uma memória de longa duração que surge no prolongamento das representações dos sertões, atravessada de tradições e saberes seculares, negligenciados pela história oficial. Considera-se que a omissão de muitas narrativas, tanto no plano estadual, como no plano nacional, deixa escapar uma série de conflitos que se materializam na semiosfera geral da nação, composta pelo entrelaçamento de inúmeras linguagens. Esta série de conflitos autoriza uma percepção espacial de territórios significativos e a sua renovação no tempo. Os textos da semiosfera dão forma e conteúdo a este espaço urbano específico, traduzindo os princípios de entendimento e organização de um mundo produzido histórica e socialmente. Neste sentido, buscamos, em um segundo momento, identificar as construções geopoéticas que tomam o território dos sertões como elemento central da narrativa e compõem uma representação dos sertanejos. Tentamos resgatar textos que encontram ressonância não apenas no estado da Bahia, mas no Brasil, constituindo-se em pontos de referência para os escritores nacionais responsáveis pela construção de uma visão literária da vida sertaneja.

Pressupostos teóricos: semiosfera, fronteiras, semiótica da cultura. Um estudo de semiosferas se consubstancia, se contextualiza e se instrumentaliza na observação de confrontos de culturas heterogêneas em um espaço e tempo determinados. A semiosfera, um conceito do russo Yuri Lotman (1922-1933), comparece no cenário social-histórico como uma construção sígnica que envolve, em sua base – das periferias ao seu centro – modos de existência de linguagens, comandos de imbricação, protocolos de transferência e várias modalidades de ressemantização.

A semiótica da cultura lotmaniana se formou na Universidade de Tártu (Estônia), no contexto dos estudos empreendidos pela Escola Semiótica de Tártu-Moscou. Um dos traços mais característicos da Escola é a bicentralidade. A presença de dois centros, como se sabe, é um traço característico da cultura russa como, por exemplo, a coexistência de Kiev e Nóvgorod na Rússia antiga e de Moscou e São Petersburgo (Petrogrado, Leningrado) no Império Russo e na Rússia moderna.

No âmbito dos estudos linguísticos e literários, a semiótica da cultura se desenvolve concomitante aos estudos do Círculo Linguístico de Moscou (1915-1924) e da OPOIAZ (1916-1926) de Petrogrado. O centro de Moscou, mais numeroso, inclui pesquisadores jovens e iniciantes, mas que depois se tornam renomados, entre eles Vladímir Todorov, os irmãos Boris e Vladímir Uspiénski, o folclorista Serguei Nekliúдов, etc.

Mas a semiótica da cultura lotmaniana fixar-se-á como método inédito de averiguação na década 1960-1970, quando ocorre a formação dos principais conceitos. O conceito “texto” deixa de ser aplicado apenas para diferenciar o “texto linguístico” do “texto literário” (como ocorre em *Estrutura do texto artístico* de 1970), é ampliado e passa a abarcar as mais variadas manifestações da cultura humana, o que resulta na consolidação da noção de “texto da cultura”. Justamente nesse segundo período da sua obra, surge o conceito central, a semiosfera, dentro do qual a fronteira desempenha uma função fundamental.

As margens da semiosfera tornam-se, portanto, um espaço de extrema importância. É nesse contexto que surge a noção lotmaniana de “fronteira”. Trata-se, naturalmente, de um divisor imaginário que permite a troca de informações entre a semiosfera e o espaço que a circunda. Na semiosfera, a fronteira tem suas funções: o seu objetivo é limitar a invasão incontrolável dos elementos “alheios”, como também filtrar e adaptar tais elementos para a linguagem de uma semiosfera dada. Se o espaço culturalizado de uma semiosfera é visto, por seus integrantes, como ordenado, organizado e seguro, o espaço externo pode ser percebido como desorganizado e caótico, e mesmo como uma não-cultura. O “nosso” e o “alheio” costumam ser constituídos de jeito espelhado, segundo Lotman, de forma que o que é proibido em um espaço é permitido em outro.

A semiosfera é percebida como um conjunto homogêneo, mas é formada por diversos textos que interagem entre si por meio das diferentes linguagens da cultura (música, pintura, literatura e assim por diante). A heterogeneidade interna é uma condição mínima para a existência da semiosfera dentro da qual agem forças centrífugas e centrípetas entre o centro e suas fronteiras. A semiosfera é assim um lugar extremamente dinâmico, no qual costumamos identificar “cronotopos” que se imbricam, e favorecem o ambiente para constantes diálogos em que os textos culturais se multiplicam e ficam disputando o lugar central. Exemplos: a escola, como cronotopo interno (SOUZA, 2016), as ruas como cronotopos externos fronteirios (SOUZA, 2017).

No que tange à investigação propriamente literária, a heterogeneidade interna na dinâmica dos cronotopos em fronteiras, a questão pode, com efeito, cruzar os debates sobre a natureza de um “novo realismo” brasileiro, em uma época em que a estética literária tende a uma deslinearização referencial nas correntes pós-modernistas. Este “novo realismo”, com os “quadrilheiros” e “bichos-soltos” heroicizados, caracterizado como feroz ou brutal, desenvolve-se mais nas fronteiras dos cenários semiosféricos. Nesse sentido, as articulações entre a ficção e a realidade parecem revigorar os princípios criativos do realismo-naturalismo em suas formas de dirigir o olhar para as condições físicas das periferias urbanas.

Muitos estudiosos da literatura brasileira contemporânea destacam, então, a consolidação de uma Literatura marginal, importante não apenas para o mercado editorial, como igualmente para a indústria cultural de filmes e documentários. Citando alguns, lembremos de Beatriz Jaguaribe (2010) que observa que as novas estéticas realistas não repetem necessariamente os cânones do passado, e sim delineiam uma prosa ágil na qual o mundo dos personagens é dinamizado pela ação e pelas falas, em

detrimento de longas descrições do ambiente, e essas falas pluralizadas enfraquecem igualmente a autoridade do narrador realista onisciente.

Já Tânia Pellegrini (2008), pela observação das obras de Paulo Lins, Ferréz e Dráuzio Varela, reflete sobre um retorno do trágico (embora com um certo barateamento pela indústria cultural), provocado pelo projeto vitorioso de inserção do país no circuito do capitalismo avançado, que traduz a realidade em ficção em termos de violência praticada por aqueles que estão premidos pela escassez e pela falta. Nesse contexto, conclui a autora, o realismo, que rege este tipo de literatura marginal, não pode ser caracterizado de forma simplista como signo de atraso estético, mas sim como uma postura e um método, cada vez mais em uso, aptos a revelar a função e o valor de boa parte da produção ficcional do Brasil contemporâneo.

Geopoética

É Kenneth White quem funda em 1989 o Instituto Internacional de Geopoética para estimular as pesquisas neste campo. De uma forma bem simples, podemos dizer que a geopoética visa desenvolver uma relação sensível e inteligente com a Terra. A Bienal do Mercosul de 2011 - Ensaio de Geopoética - e a Trienal da Tate Britain de 2009 – Altermodern – são exemplos marcantes de exposições internacionais que privilegiaram trabalhos de arte “geopoéticos”. Ou seja, que propõem relações (de indivíduos) com determinados territórios.

Segundo Bouvet (2012), a geopoética passa por inúmeros territórios. Enquanto campo de pesquisa e criação transdisciplinar, a geopoética descompartmentaliza disciplinas como a geografia, a literatura, a filosofia, as artes, as ciências da terra, etc. Uma configuração como a do Arquipélago geopoético envolve uma travessia de territórios como as pequenas ilhas situadas em diferentes lugares do planeta. Em geopoética, é interessante se pensar na travessia de diferentes territórios geográficos e culturais, exatamente, como se pode fazer na semiosfera.

A geopoética pressupõe um desejo de abrir espaços circunscritos pelas ideologias, crenças e políticas culturais muito cerradas, a fim de apontar os movimentos e as metamorfoses do mundo efetuados pelos humanos. O primeiro sentido da natureza, o tipo de afeição, característico da geopoética, pode ser designado, em primeira instância, como a “sensação do mundo”: pesquisa de uma linguagem para o mundo, que não subtrai as coisas de sua “mundidade”, ao contrário, as aproxima. A função estética deste enfoque preconiza a formação de uma rede de sentimentos, saberes e poderes sobre o espaço habitado e a possibilidade de sempre mostrar novas formas de apropriação dos territórios habitáveis. Ela segue o ideário de Spinoza sobre a extensão dos sentidos- vista, olfato, audição, tato – de um corpo em movimento em uma situação espaço-temporal determinada. A geopoética instaura uma reorganização simbólica, permitindo a uma subjetividade corporal efetuar sua aprendizagem sobre o espaço, ligando afeição e intelecto, saber e sabor, dinâmica fundamental de pensamento e contemplação.

Todo tipo de mobilidade cultural favorece a composição de recursos geopoéticos, no sentido de impulsionar as relações entre um ser humano e o espaço onde ele age. Da aliança entre geo e poética deve surgir um mundo a habitar, pois um novo território emerge, no qual cada um pode respirar a plenos pulmões, engrandecer seu ser, estabelecer relações harmoniosas com os outros à base de um pertencimento comum, um vasto campo de pesquisa e criação no qual se cruzam as ciências, as artes e a literatura (BOUVET, 2012). Trabalhamos o sentido geopoeta de Euclides da Cunha e escritores canadenses, da mesma época, em *Traversées géopoétiques: Métis des sertões et de l'ouest canadien*

(2011), e as tendências da geopoética urbana em *Figures spatiales de Montréal. Pour une geopoétique interaméricaine* (2017).

Como o disse Pesavento (2002, p.40) os discursos literários que tem traduzido o sentimento da metrópole ou “cidade aberta” falam sobretudo da mobilidade social, do formigamento, do “mélange de diferentes estratos sociais num mesmo espaço”. Assim, é possível, que cada abordagem das imagens e discursos sobre cada espaço urbano brasileiro possa não ser só lido e entendido como uma matriz singular específica de um território, mas funcione como uma metonímia, apesar de suas idiossincrasias, dos processos de urbanização do país, envolvendo os fenômenos de “representação fantasmagórica da cidade” (BENJAMIN, apud PESAVENTO, 2002, p.30).

A fantasmagorização está associada à visão marxista de Benjamin, de fetichismo de uma mercadoria, que conduz à esfera do sonho e da alienação, capaz de ocultar os contrastes vivenciados pela cidade moderna. A polissemia e a polifonia de nossas cidades míticas e fantasmagóricas podem ser contempladas por uma série de estratégias de “mobilidades culturais”, tais como apresentadas no dicionário, organizado por Zilá Bernd(2010), no qual movimentos como os da deriva, errância, deslocamento, diáspora, etc., são evidenciados. Aí não falta, evidentemente, a figura do flâneur (BERND, 2010, pp.211-226), responsável pelo mapeamento das cidades modernas, desde Baudelaire, encarnando-se como diferentes caminhantes, até o tipo mauvais flâneur de Popovic (1992). Este perambula pelas ruas de Montreal, desde a primeira metade do século XX, mostrando a situação de miséria dos canadenses franceses, que vão perdendo seus lugares de memória, diante do mundo de business dos canadenses ingleses. O mauvais flâneur, presente em boa parte da literatura quebequense contemporânea (SOUZA, 2017), torna-se apto a empreender textos de geopoética na então contraditória semiosfera montrealense.

Segundo Bouvet, a geopoética não pressupõe, de forma preponderante, a representação de uma nação, de uma etnia ou de uma ideologia particular; ela instrumentaliza o analista para enfatizar os deslocamentos físicos, na obra, sublinhando igualmente as dimensões interiores, culturais e ontológicas que a eles se associam. Por isso, a projeção dos pressupostos da geopoética na observação das semiosferas marca o desejo de insistir na sociosemiose do espaço. Uma tal projeção não demonstra senão o quanto a sociosemiose plena de uma poética do espaço, com uma linguagem dotada de identidades plurais, de pertencimentos variados, de imbricações de memórias próprias dos movimentos dialéticos caminhar/habitar, compreende um repertório simbólico organizado pela cultura do locus social-histórico em que se desenvolvem a socialização e a interação dos indivíduos. Evidentemente, na movimentação dos mauvais flâneurs, excluídos das partes “nobres” do urbano, na fantasmagorização das cidades, a sociosemiose da interatividade geopoética implica, como linguagem, a decodificação das forças das semiosferas.

Geopoética euclidiana

Todos sabem que a obra de Euclides da Cunha *Os sertões* originou um ciclo de romance que acompanha a história contemporânea durante os cem anos em que tem se firmado como obra pilar da cultura brasileira. Uma poética histórica, no ciclo canadense, permite a geração de textos meio fictícios, meio reais, o que significa exatamente a construção de mundos possíveis a partir do fenômeno extratextual. A poética histórica autoriza esse ser textual híbrido, uma herança euclidiana, sem sombra de dúvida. É certo que a obra de Euclides é marcada por uma cronotopicidade universal, pois já foi traduzida em muitos países, tendo inspirado interesse em vários pesquisadores de inúmeras

universidades estrangeiras. Berthold Zilly (1996) inclusive afirmou que Canudos é um fato de interesse da humanidade, que se repete no Chiapas, Tchecônia, Iugoslávia, etc.

Toda essa cronotopicidade estética testemunha o vigor da obra de Euclides, nesses cem anos. Ela mostra como se pode construir uma teoria da comunicação, com bases nacionais, ancorada no percurso histórico. Mostra igualmente como a geopoética emerge a partir de certas Geoconstelações, cartografias que, como conjunto de cronotopos, são conjuntos maiores de imagens pertencentes ao mesmo campo semântico (paradigmas, gerando campos simbólicos) relativo a um espaço geográfico determinado, capaz de produzir denominadores comuns. Os conjuntos devem ser capazes de permitir igualmente combinações sintáticas específicas (sintagmas, signos particulares), uma dinâmica de relações apta a singularizar este espaço geográfico.

Observando algumas produções do ciclo canudiano, detectamos as seguintes Geoconstelações: sertão, sertões; caatingas; alto da favela; deserto; rio Vaza-Barris; Açude do Cocorobó; arraial; urbis monstruosa.

Mas o ideal do nosso método é que essas Geoconstelações sejam ativadas no que chamamos de Georemas, unidades sígnicas singulares que se articulam em sintagmas geográficos para formar as Geoconstelações. Vejamos, por exemplo, a Geoconstelação Deserto e observemos que na parte “Como se faz um deserto” (CUNHA, 2000, p. 63), Euclides apresenta uma descrição do que significava as caixas, quando os índios colocavam fogo em um traçado circular para cultivar o que necessitava para sua alimentação. Os colonizadores, entretanto, chegaram colocando o fogo livremente, sem estudo do terreno, avassalando largos espaços, e este fogo “solto nas lufadas violentas do Nordeste” destruiu a flora e a fauna, produzindo o deserto.

Nessas citações de Os sertões, podemos observar os percursos de nosso método, quando emergem os georemas particulares da produção do semi-árido:

Afogado nos recessos de uma flora estupenda que lhe escurentava as vistas e sombreava perigosamente as tocaias do tapuia e as tocas do canguçu temido, dilacerou-a golpeando-a de chamas, para desafogar os horizontes e destacar bem perceptíveis, tufando nos descampados limpos, as montanhas que o norteavam, balizando a marcha das bandeiras. (...) Atacou a fundo a terra, esterilizou-a, grupiaras, feriu-a, pontacos de alvião, degradou-a, avermelhando com argilas removidas, grandes catas, vazias e tristonhas (...) Colaborando com os elementos meteorológicos, com o nordeste, com a sucção dos estratos, com as canículas, com a erosão eólica, com as tempestades subitâneas — o homem fez-se uma componente nefasta entre as forças daquele clima demolidor. Se o não criou, transmudou-o, agravando-o. Deu um auxiliar à degradação das tormentas, o machado do catingueiro; um supletivo à insolação, a queimada. (CUNHA, 2000, p. 65).

Atacar a terra, feri-la, usar grupiaras e machados, golpear com chamas, querer desafogar os horizontes com fogo, é uma série de sintagmas que mostra perfeitamente que a geograficidade de uma semiosfera como a do sertão, não acontece gratuitamente. O catingueiro se opõe ao índio e degrada a terra, com ações precárias capazes de propiciar a morte dos seres vivos. E o escritor, por meio de seus georemas esclarece, de forma literária, essencialmente poética, como esta morte acontece através de “golpes” que são alheios à ciência do cultivo da terra.

Observemos, por outro lado, a *Geoconstelação* Caatinga, que recortamos na obra de Euclides e na de Júlio Chiavenato (1993). O primeiro autor fala de uma “morfologia da terra” e destaca a série de remas próprios da Caatinga que se combinam em vários sintagmas. Neste ambiente, “o sol é um inimigo a evitar” (CUNHA, 2000, p. 53), mas é onde vivem “leguminosas anãs, cajueiros anões, caapós, macegas, caroás verdoengos,

nopáleas e cactos, Alecrins-dos-tabuleiros, canudos-de-pito e as Favelas, ignoradas dos sábios.”

O segundo autor, Chiavenato, aborda a gênese do espaço, mas mostra igualmente as influências nefastas da chegada dos colonizadores que reconhecem imediatamente as bromélias rubras que os índios usam para seu lazer. A chegada dos colonizadores é impulsionada pelo “veneno” que o hálito dos deuses produz: “O hálito dos deuses bafeja a caatinga, envenena as ipueiras e cacimbas. Milhares de anos depois, os colonizadores evitavam a região. Forçados a conhecê-la um disse: arbustos flexuosos entressachados de bromélias rubras” (CHIAVENATTO, 1993, p.1-2).

Evidentemente, nessa segunda abordagem, as “bromélias rubras” são os georemas fundamentais da transformação de uma Caatinga que passará por transformações significativas para a produção do espaço semi-árido: “Bromélias rubras. O espectro das plantas que nunca viveram acendia-se no imaginário dos índios, embriagados do sumo da jurema. O sertão mar de alegria e os mandacarus naves de felicidade” (Chiavenato, 1993, pp. 1-2).

Em seguida, observamos o Cocorobó como uma das Geoconstelações mais importantes do ciclo canudiano. Ele está presente em narrativas e em canções, apontando, inclusive, para a formação da barragem que submergiu as ruínas do primeiro arraial de Canudos. Verificamos a descrição geográfica de Euclides da Cunha:

Cocorobó, nome que caracteriza não uma serra única mas sem-número delas, recorda restos de antiquíssimos canyons, vales de erosão ou quebradas, abertos pelo Vaza-Barris, em remotas idades, quando incomparavelmente maior efluía talvez de grande lago que cobria a planície rugada de Canudos.... (CUNHA, 2000, p.347).

Chiavenato mantém um personagem, o Negro-Sem-Nome, que é um ser emblemático da guerra. Trata-se de um negro que rema continuamente no açude Cocorobó, e representa uma reencarnação de uma garota, Josefa, que foi capturada e estuprada pelos soldados do exército.

Remou para o interior do lago, onde repousa a cidade submersa. O sol dourava bolhas de luz na superfície das águas e através delas ele sentia o belo Monte. Em cima da igreja nova, descansou o remo”. (CHIAVENATTO, 1993, p. 5)

Bateu o remo na lua, dela sobrou a multiplicação da luz. Remou para a margem, andou pela relva úmida, bebendo cheiro dos tempos. Recostou-se a uma umburana, pensando se esse sabor de liberdade, ressumando da cidade submersa, ainda emocionava o sertão. De olhos fechados, pisava as pegadas dele mesmo, Josefa, quando viveu no Belo Monte, podia correr, evitando os obstáculos, saltando pedras: era a mesma trilha na terra áspera.” (CHIAVENATO, 1993, p.15)

Ouviu o chapinhar dos remos. A cintilação solar mostrou-lhe a imagem retida do padre. Frei Paolo observava seus olhos congestionados.

-Foi a fumaça, padre.

-Fumaça?

-O sol faz mal. Vamos descansar.

Sorriu para o padre. Não estava cansado. Não era o sol. (CHIAVENATTO, p. 1993, p.93)

O padre Paolo é um representante, na contemporaneidade da Pastoral da Terra e costuma receber o Negro-Sem-Nome, pensando ajudar-lhe a se proteger dos ataques dos latifundiários. Este entretanto lhe diz continuamente que nada lhe acontecerá, pois ele já teve a experiência da guerra de 1897, e está acostumado a se proteger sozinho dos

poderosos. O padre imagina que seu interlocutor está com problemas mentais devido à ação do sol quente.

Podemos constatar vários georemas do Cocorobó como canyon, serra, açude, remar, etc. que permitem o entrelaçamento de suas fronteiras para determinar o prolongamento das memórias socio-culturais. Nesse caso, não deixemos de lembrar que a submersão da cidade passeia na imaginação popular nos versos de Fábio Paes que compôs a canção *Salve Canudos: Dentro do Cocorobó ouviu-se um grito / Por almas inundadas Raquel chorou / Do horror da terra quente se escutam / Gritos de dor...*

Grito e horror são os georemas que remetem à guerra e à dispersão de “almas inundadas” na cidade que passou por batalhas e massacres. E assim pode-se sentir as correlações que se estabelecem entre vários georemas nas principais Geoconstelações não apenas do ciclo canudiano, mas de vários outros ciclos literários em que o consórcio entre a arte e a geografia se evidencia bastante denso.

Palavras finais

A visão geopoética que singulariza a narrativa canudiana transcende o universo habitual da poética, atingindo a culminância de uma conversão cultural do mundo representado. O ciclo canudiano se representa como ato semiosférico em devir, uma razão pela qual evocamos no início de nossos trabalhos a semiótica da cultura de Lotman. A terra é fundamentalmente vista como um espaço vivo, passando por várias metamorfoses, que os georemas são capazes de apontar: terra ferida, em chamas, inundada, fertilizada, esterilizada, cheia de dor...A revolução geopoética de um ciclo como o canudiano se amplia, revelando a plenitude de sua extraordinária força telúrica e cultural, ao mesmo tempo, o que caracteriza, a configuração das semiosferas. Esperemos que as singularidades poéticas da semiosfera canudiana seja ainda averiguada por vários estudiosos dos sertões que ainda conservam inúmeras formações sociais e culturais do Brasil profundo. É desta forma que a “memória longa” autoriza que fatos omitidos ou esquecidos da história venham à tona na sociedade.

Referências

Ficção:

Chiavenato, José Júlio. *As meninas de Belo Monte*. São Paulo, Página Aberta, 1993.

Cunha, Euclides da Cunha. *Os sertões*. 21.ed., Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

Cancioneiro:

Paes, Fábio. *Canudos e cantos do Sertão*. 1992

Obras Teórico-críticas:

BERND, Zilá, *Por uma estética dos vestígios memoriais: Releitura da literatura contemporânea das Américas a partir dos rastros*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2003.

BERND, Zilá, (org.) *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre, Literalis, 2010.

BERND, Zilá (org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Tomo editorial e editora da UFRGS, 2007. 704 p.

____ (org.). *Insubmissão e mobilidade cultural: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010. No prelo.

BOUVET, R., *Vers une approche géopoétique: Lectures de Kenneth White*, Victor Segalen, J.-M. G. Le Clézio, Presses Universitaires du Québec, 2015.

- BOUVET, R. (dir.). *Ville et Geopoétique*. Paris, L'Harmattan, 2016.
- BOUVET, Rachel. Présentation. In: BOUVET, Rachel, WHITE, Kenneth (éd.). *Le nouveau territoire. L'exploration géopoétique de l'espace*. Coll. FIGURA, n. 18, Montréal, 2008.
- BOUVET, Rachel. *Pages de sable. Essai sur l'imaginaire du désert*, Montréal/Québec, XYZ Éditeurs, coll. « Documents », 2006.
- CÂNDIDO, Antonio, A nova narrativa. In: *A Educação pela Noite e Outros Ensaio*. São Paulo, Ática, 1989.
- JAGUARIBE, Beatriz. *Ficções do real: notas sobre as estéticas do realismo e pedagogias do olhar na América Latina contemporânea*. Ciberlegenda. Niterói. v. 2, n. 23, 2010, p. 6-14. Disponível: Acesso em: 17/06/2015.
- LOTMAN, Youri, *La sémiosphère*. PULIM, Limoges, 1999.
- PELLEGRINI, Tânia. *Despropósitos: estudos de ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.
- PESAVENTO, S.J. *O Imaginário da cidade: Visões literárias do urbano*. Paris. Rio de Janeiro. Porto Alegre. 2ª. Ed., Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2002.
- POPOVIC, Pierre. *Le mauvais flâneur, la gourgandine, et le dilettante*. Montreal dans la prose narrative aux abords du grand tournant de 1934-1936. In: NEPVEU P. et MARCOTTE G. (édit.), *Montréal Imaginaire. Ville et Littérature*, Montréal, Fides, 1992, p. 211-278.
- SOUZA, Licia Soares de. *Figures spatiales de Montréal. Une geopoétique urbaine interamericaine*. Montréal, Société des Écrivains, 2017.
- SOUZA, Licia Soares de. *O realismo Pós-metafísico: uma sociedade de exclusão no cinema e na televisão brasileiros*. Feira de Santana, EDUEFS, 2013.
- SOUZA, Licia Soares de. *Les labyrinthes de la nouvelle violence urbaine dans les romans québécois*. Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras, v. 2, p. 36, 2012.
- SOUZA, Licia Soares de. Géopoétique et Métissage. In: *Transactions Mémoires et Identitaires: 20 ans d'études canadiennes au Brésil*, 2011. Disponível em: <http://www.anaisabecan2011.ufba.br/AnaisABECAN1.html>, acesso em 20/09/2015.
- SOUZA, Licia Soares de. (org.), *Dicionário de Personagens Afro-brasileiros*. Salvador: Editora Quarteto, 2009.
- SOUZA, Licia Soares de. *Introdução às Teorias Semióticas*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- SOUZA, Ronald de Melo. *A Geopoética de Euclides da Cunha*. Disponível em: <http://www.casaeuclidiana.org.be/download/default.asp>. Acesso em: 12/04/2003.
- WHITE, Kenneth. *Les pérégrinations géopoétiques de Humboldt*. Disponível em: http://www.geopoetique.net/archipel_fr/institut/cahiers/cah2_kw.html. Acesso: 10/10/2011.
- ZILLY, Berthold. *Um depoimento brasileiro para a História brasileira universal. Traduzibilidade e atualidade de Euclides da Cunha*. Humboldt, ano 38, n. 72, p. 8-16, 1996.